

**Biblioteca Humana: desafiando os estereótipos e contribuindo com a
empatia**

Corinne Julie Ribeiro Lopes¹

csmilec@hotmail.com

Fecha de recepción: 14 de Febrero de 2023

Fecha de aceptación: 12 de abril de 2023

ARK CAICIT: [ark:/s26182327/pk2a7qvje](https://nbn-resolving.org/urn:nbn:br:caicit-2023-02-0001)

Resumo

Este artigo apresenta o processo de construção e realização do evento nomeado Biblioteca Humana, iniciativa encabeçada pela Escola de Empatia, em parceria com a Human Library Organization, e pretende dialogá-lo com os conceitos de estereótipo e empatia. De origem dinamarquesa, a ideia desse evento, já realizado em mais de 80 países e, nessa oportunidade, inserido no 3º Festival de Empatia, organizado pela Escola de Empatia, em formato on line, foi proporcionar uma reflexão acerca dos estigmas e estereótipos disseminados pelo mundo. A experiência possibilitou aos participantes entrar em contato com pessoas e suas histórias, marcadas por vivências relacionadas à violência doméstica, ao poliamor, ao sistema prisional, ao HIV/Aids e à prostituição. A Biblioteca Humana demonstrou ser uma ferramenta importante no desenvolvimento da empatia.

Palavras-chave: Estereótipo, Empatia, Biblioteca Humana.

Abstract

This work presents the building and implementing process of the event named Human Library, initiative of the Escola de Empatia, in partnership with Human Library Organization, and intends to dialogue it with the stereotype and empathy concepts.



¹ Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local (UNA-BH), pós-graduada em Gestão Social (Fundação João Pinheiro) e Bacharel em Direito (FUMEC)

Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Starting at Denmark, the objective of this event, realized at more than 80 countries, and at this opportunity, inside at the third Empathy Festival - on line format, was to reflect about the stigmas and stereotypes spread all over the world. The experience provided to the participants being in touch with people and their stories, related to domestic violence, polyamory, prisional system, HIV and prostitution. The Human Library proved to be an important tool at the empathy development.

Key words: Stereotype, Empathy, Human Library.

Resumen

Este trabajo presenta el proceso de construcción y realización del evento nombrado Biblioteca Humana, iniciativa de la Escola de Empatia, en parceria con Human Library Organization, y intenta dialogarlo con los conceptos de estereotipo y empatía. De origen dinamarquesa, la idea de ese evento, ya realizado en más de 80 países y, en esa oportunidad, por ocasión del 3° Festival de Empatía, organizado por la Escola de Empatia, en un formato on line, fue proporcionar una reflexión sobre los estigmas y estereotipos en el mundo. La experiencia permitió a los participantes ponerse en contacto con personas y sus historias, marcadas por cuestiones como la violencia doméstica, poliamor, sistema prisional, HIV/Aids e la prostitución. La Biblioteca Humana demostró ser una herramienta importante en el desarrollo de la empatía.

Palabras clave: Estereotipo, Empatía, Biblioteca Humana.

Introdução

Este artigo tem como propósito compartilhar a experiência do evento Biblioteca Humana realizado, em formato *on line*, em função da pandemia da COVID-19, durante a tarde do dia 25 de julho de 2021 dentro do Festival de Empatia. O Festival de Empatia é uma realização anual da Escola de Empatia, empresa dedicada a desenvolver habilidades de empatia, cuidado e sustentabilidade, através de um modelo de aprendizagem horizontal e dialógico.

O Festival de Empatia tem como propósito celebrar a empatia de formas diferentes

e provocar reflexões e práticas de autocuidado e conexão, alinhadas à Comunicação Não Violenta, uma abordagem vinculada à Psicologia Humanista.

A intenção da equipe anfitriã do Festival em hospedar esse evento esteve relacionada à admiração com a iniciativa e à crença de que a experiência poderia contribuir com uma mudança de cultura por meio do convite à prática de empatia e compaixão. A Escola de Empatia acredita que essa prática desses conceitos é uma forma de melhor fazer parte do mundo.

A Biblioteca Humana é uma metodologia criada na Dinamarca pela Human Library Organization, organização não governamental. É uma biblioteca de pessoas, onde os livros não são páginas, mas histórias reais verbalizadas. Nessa biblioteca, montada a partir de demandas de grupos ou organizações, a ideia é que os leitores façam o empréstimo de outros seres humanos, que se prontificam a estarem abertos na condução de diálogos que, normalmente, muitos não teriam acesso.

Todo livro humano dessa biblioteca representa um grupo da sociedade que é, constantemente, alvo de preconceito, estereótipo, ou discriminação por conta de seu estilo de vida, diagnóstico, crença ou deficiência, status social ou origem étnica.

Nesse artigo, serão apresentadas as bases conceituais que norteiam a concepção do evento, e um guia para a organização de eventos desse teor, além de relatar o processo de organização da experiência, e aportar os dados de uma pesquisa de avaliação conduzida. Fazer parte da Biblioteca Humana afetou, não somente os leitores, mas a equipe organizadora da experiência; e mostrou-se uma ferramenta potente de empatia.

Estereótipos e empatia

Partindo do pressuposto de que o ser humano não é um ser passivo, mas um ser processador de informações, não se pode perder de vista que as informações, as mesmas, que tornam o sujeito ativo, também o apresentam a um sistema de crenças e estereótipos.

Nessa linha de pensamento, diversas correntes teóricas têm estudado os vínculos entre os processos biológicos básicos e os fenômenos sociais, tais como a teoria da dissonância cognitiva, a teoria da aprendizagem social, a teoria da psicologia cultural, a teoria da representação social e a teoria da cognição social. Essa última teoria afirma que a mente é um sistema de crenças e dialoga com um conceito importante a esse trabalho,

que é o conceito de estereótipo.

Pode-se afirmar que o estereótipo é fruto de um aprendizado social, não é racional e pode levar a um círculo vicioso, uma vez que se concretiza como uma forma rápida de fazer inferências.

A partir do senso comum, podemos definir o estereótipo como uma ideia ou conceito que se forma de algo ou alguém de modo apriorístico. Nessa perspectiva, pode ser tomado como sinônimo de preconceito - ou como a repetição indiscriminada ou sem questionamento de modelos pré-estabelecidos de cunho moralista (Goulart et al, 2019, p 112).

Amossy e Herscheberg-Pierrot (2001) definem o estereótipo como uma crença, opinião ou representação relativa a um grupo e seus membros lembrando que esse conceito “não é um conceito teórico absoluto e eterno, mas uma noção própria da época moderna, mais especificamente da era das mídias”, segundo Florencio (2011, p.13).

Apesar do fenômeno participar da construção da identidade social, ele também está intrinsecamente relacionado à existência do preconceito e da discriminação, e à construção dos rótulos, o que pode ser muito perigoso do ponto de vista relacional.

Por essa razão, e como contraponto importante para a desconstrução desse constructo, será abordado, agora, o conceito de empatia, função cognitiva e social, inata ao ser humano e fundamental para a nossa vida social.

El término “empatía” es en realidad una traducción del término alemán "Einfühlung", que Lipps propuso en primer lugar para describir la relación entre una obra de arte y su observador. Luego, amplió este concepto para que englobara las interacciones entre las personas: interpretó nuestra percepción de los movimientos de los demás como una forma de imitación interna y utilizó el ejemplo de observar a un acróbata suspendido en la cuerda floja alta, por encima de las butacas del circo. Lipps afirma que cuando miramos al acróbata en la cuerda sentimos que nosotros mismos estamos dentro del acróbata. Su descripción fenomenológica de la observación del acróbata es predictiva a escala escalofriante del patrón de actividad que muestran las neuronas espejo, las cuales se activan tanto cuando tomamos un objeto como cuando vemos que alguien toma un objeto, como si estuviéramos dentro de esa persona (Iacoboni, 2009, p.4).

Segundo Brown (2012), são 4 (quatro), os elementos da empatia: i) habilidade de colocar-se no lugar do outro e admitir seu ponto de vista como válido e real; ii) não formulação de juízos de valor acerca da sua experiência com o outro; iii) identificação da experiência emocional da outra pessoa; e iv) aceitação respeitosa e expressão verbal dessa aceitação compartilhada com o outro.

Outra contribuição importante sobre essa função cognitiva e social, foi a de Carl Rogers: “ser empático é ver o mundo através dos olhos do outro e não, ver o nosso mundo refletido em seus olhos.”

Do ponto de vista científico, a empatia ocorre, em nosso corpo e cérebro, de forma emocional e cognitiva. Empatia emocional refere-se à habilidade de se conectar e compartilhar (sentir ou agir) conforme as emoções alheias. É o modo como absorvemos ou imitamos os sentimentos e expressões alheias. Já a empatia cognitiva é a habilidade de, racionalmente, imaginar e entender o que o outro deve estar sentindo ou pensando desde a perspectiva do outro. Enquanto a empatia emocional é facilitada pela existência de neurônios espelho, a empatia cognitiva envolve partes mais amplas do cérebro.

Na última década, os neurocientistas descobriram um circuito de empatia em nosso cérebro, composto por dez conexões, que, uma vez danificado, pode diminuir nossa habilidade de entender o que outras pessoas estão sentindo. Outra descoberta recente da neurociência é que o nosso cérebro é plástico; ou seja, adapta-se aos estímulos que recebe.

Dessa forma, por acreditar ser importante treinar a empatia e a musculatura relacional para ela se fortaleça e se torne algo mais natural, foi organizado o evento Biblioteca Humana. A ideia foi que os leitores, em um contato mais próximo com realidades convencionalmente estereotipadas, como a questão da violência doméstica, do sistema prisional, do HIV/Aids, dentre outras, pudessem repensar seus olhares e visitar as pessoas, menos sob a perspectiva do estereótipo, e mais, sobre a perspectiva da empatia.

Como organizar esse evento

Atualmente, a metodologia da Biblioteca Humana é de propriedade intelectual da Human Library Organization (HLO) e para sediar um evento, os organizadores precisam preencher um formulário de aplicação, que fica hospedado no site da instituição:

<https://humanlibrary.org/>. Além disso, é preciso pagar uma taxa em dólares para a cessão de uso da metodologia ou solicitar uma bolsa; a Escola de Empatia solicitou e foi beneficiada com uma bolsa.

Dentre as perguntas a serem respondidas no questionário, pergunta-se (i) a razão de a organização querer sediar um evento ou usar a metodologia; (ii) quais estereótipos se pretende abordar no evento; e pede-se uma expectativa do número de livros e de leitores que farão parte da experiência. É importante dizer que, para efeitos mais potentes, a Biblioteca foi pensada para acontecer de forma presencial, mas, com a chegada da pandemia da COVID-19, hoje, boa parte dos eventos já ocorrem em formato *on line*.

Uma vez aprovada a inscrição, é feito um contrato com assinatura de ambas as organizações (de um lado, a HLO, e, de outro, a Escola de Empatia). Na sequência, a organização que sediará a experiência recebe um pacote de materiais contendo:

- Manuais de marca
- Identidade visual do projeto
- Código de ética, conduta e comportamento do projeto
- Guia de construção de orçamento do projeto
- Guia de recrutamento de livros – passo-a-passo
- Guia de pilares de preconceito
- Manual descritivo das funções e responsabilidades dos organizadores
- Manual adaptativo para o formato *on line*.

É importante dizer que todos os materiais vêm em inglês.

Da seleção dos livros ao dia do evento

A ideia de organizar uma Biblioteca Humana no Festival de Empatia nasceu de leituras prévias sobre a experiência, por uma das organizadoras do evento, que entrou em contato com a Human Library Organization e, na sequência, solicitou a ela, o contato de alguma organização no Brasil que já havia realizado o evento, para uma troca de experiências sobre o tema. A Universidade Federal do Amazonas foi a instituição indicada, instituição essa que, inclusive, aportou, além de orientações mais contextualizadas ao contexto

brasileiro, formulários já traduzidos à Escola de Empatia para facilitar o processo de organização do evento.

Feito isso, o passo seguinte foi recrutar o time de pessoas necessárias à implementação da experiência: como diretriz básica do projeto, era necessário garantir gênero, idade e habilidades diversas. Nosso time foi, então, composto por 5 mulheres e 1 homem variando na faixa etária de 30 a 45 anos.

O processo de encontrar os livros foi um pouco mais desafiador, pois, em função da pandemia, nossa criação de vínculo, confiança e empatia, precisaria se dar, exclusivamente, no ambiente *on line*. Isso posto, acionamos nossas redes pessoais, além de fazer uma chamada em nosso Instagram, com a realização de uma live, para a seleção dos livros (conforme ilustração abaixo). Os pilares de preconceitos que elencamos para os livros foram resultado de um cruzamento entre os nossos preconceitos próprios (das organizadoras do evento) e aqueles relatados nas respostas que fizemos da chamada pública de seleção dos livros. Chegou-se aos seguintes pilares de preconceitos/estereótipos: violência doméstica, poliamor, sistema prisional, HIV/Aids e prostituição.

Figura 1: convite para ser livro humano, postado nas redes sociais da Escola de Empatia



O contato inicial com as pessoas interessadas foi bastante criterioso, entendendo a sensibilidade do projeto: além de todos eles terem preenchido um formulário inicial, a equipe organizadora do evento conversou com todos, de forma individual, por telefone (mais de uma vez), e, uma vez, aceitos os convites, os “livros humanos” foram transferidos para um “editor” (pessoa que os acompanharia em todo o processo de construção do projeto).

A preparação dos livros humanos consistiu em quatro reuniões coletivas com os livros, com duração de cerca de 1h30, cada um dos momentos, além de escutas individualizadas a partir de questões trazidas no processo de revisitar a história de cada uma das pessoas. Nesses momentos de treinamento, era explicado o processo como um todo, apontadas as regras do projeto, tiradas as dúvidas, discutidas as biografias, os títulos, e a sinopse de cada um dos livros (dados esses que compuseram o catálogo dos livros, conforme ilustração abaixo). Foi também um momento de experienciar a experiência que eles levariam a outras pessoas (os livros puderam se ouvir em uma sessão piloto da Biblioteca Humana, realizada apenas entre eles e os organizadores do evento).

Figura 2: catálogo dos livros humanos da Escola de Empatia



Para participar do evento, as pessoas faziam uma inscrição prévia e escolhiam o livro que gostariam de “ler”, dentre os seguintes:

- Livro 1 - Histórias que Ignoram o Viver (tema: HIV/AIDS)
- Livro 2: Se era amor, por que me machucou? (tema: violência doméstica)
- Livro 3: Mulher, filha, mãe e prostituta (tema: prostituição)
- Livro 4: Existe amor dentro da violência? (tema: violência doméstica)
- Livro 5: Diário de um ex-presidiário (tema: sistema prisional)
- Livro 6: Frágil Reino: Tornar-se Rainha e se saber Mulher (tema: poliamor)

No dia do evento, foram organizadas quatro sessões, com 3 livros cada uma das sessões, ou seja, todos os livros foram emprestados em duas sessões distintas. As organizadoras recebiam todos os leitores em uma sala única do Zoom, e, após uma anfitriagem a todos de uma só vez e explicação das regras (conforme ilustração abaixo), os leitores eram conduzidos a salas com não mais que cinco pessoas para participar da

experiência de ler o livro humano e sua história. Cada livro foi lido/participou da experiência duas vezes, sempre acompanhados pelo seu “editor”, que, nesse momento, se tornaram bibliotecários.

Figura 3: código de ética do Projeto Human Library conduzido pela Escola de Empatia

CÓDIGO DE ÉTICA DO PROJETO – vocês se comprometeram a...

- Permanecer com a câmera ligada durante todo o evento, pois isso favorece a conexão com o livro humano.
- Não filmar ou gravar as leituras, nem tirar fotos dos livros.
- A não solicitar ao livro informações pessoais de contato. Todos os pedidos de contato adicional devem ser feitos através dos organizadores da Biblioteca Humana.
- Devolver o Livro Humano na mesma condição em que foi emprestado. Por favor, não cause danos ao Livro ou prejudique a sua dignidade de qualquer outra forma. O Leitor é responsável por cuidar e preservar o livro.
- Tratar os outros livros com dignidade, respeito, carinho e cortesia, mesmo que suas opiniões, crenças ou visões de vida não sejam as mesmas. A Biblioteca Humana é baseada no respeito mútuo.



CÓDIGO DE ÉTICA DO PROJETO

- Não fazer uso de comportamento agressivo, violento ou abusivo para com os livros, independente de sua fala ou posicionamento.
- Não fazer uso do conhecimento de uma particular vulnerabilidade sensível dos livros para abusar, fazer bullying, coagir, manipular ou causar vergonha.
- Não fazer uso de informações maliciosas, fofoca, ou a revelação de alguma informação adicional dos livros que não seja do conteúdo público que eles querem revelar.
- Não fazer uso de expressão ou ato de preconceito ou estereótipo, tais como homofobia, islamofobia, antisemitismo, racismo, xenofobia, sexismo, gordofobia etc.
- Aceitar o fato de que o Livro Humano pode encerrar a conversa se sentir que o leitor está tratando-o de maneira inadequada ou desrespeitosa;
- Construir pontes, e não, barreiras. Estacionar meu preconceito.



POR FIM

- Se você se sentir desconfortável durante uma conversa com um livro humano, você pode:
- Direcionar a conversa para uma discussão confortável e saudável.
 - Terminar a conversa educadamente e informar a equipe organizadora da biblioteca.
- Não hesite em pedir ajuda à equipe da biblioteca a qualquer momento.



Nas salas menores do *Zoom*, cada livro teve o tempo de 30min. para contar sua história que, circunstancialmente, é marcada por algum estereótipo, mas que também o transcende, cotidianamente, com toda a impermanência e complexidade do

ser humano. Nesse tempo de empréstimo aos leitores, a ideia era introduzir o tema do estereótipo, trazer as vivências de cada livro e permitir ao leitor a oportunidade de alcançar as informações que ele gostaria de ter, com respeito ao que cada um dos livros quisesse e se sentisse confortável para levar no momento. Sempre foi respeitada a possibilidade de alguma resposta não ser dada ou algum detalhe da história do livro não ser compartilhado.

Ao final de cada sessão, os leitores foram convidados, pelos bibliotecários, a responder um questionário estruturado, com perguntas abertas e de perguntas de escala. As perguntas possuíam um caráter avaliativo do evento e convidavam o leitor a expressar sua opinião sobre a vivência. Também os livros humanos foram convidados a deixar suas impressões sobre a experiência em um outro formulário específico, também com perguntas abertas e perguntas de escala.

Avaliação

Serão apresentados, a seguir, os principais dados da avaliação. Começar-se-á pela avaliação dos livros humanos. Com exceção de um livro humano, que achou regular, todos os demais livros avaliaram como tendo sido ótimo, o acompanhamento dos organizadores durante as suas leituras (se sentiram seguros e confortáveis durante suas leituras). Todos os livros concordaram que o treinamento os preparou, adequadamente, para a publicação como livro humano. Ao avaliarem sua experiência geral como livro na Biblioteca Humana, 2 livros humanos avaliaram a experiência como muito boa e os 4 demais, avaliaram como excelente. Todos foram unânimes em dizer que gostariam de continuar sendo livros humanos na Biblioteca Humana e alguns, inclusive, incentivaram a realização de mais eventos como esse ao longo do ano, pela sua importância de oportunizar voz às muitas histórias caladas de vida que existem em nossa sociedade. A questão do limite de tempo com os leitores; e a revisita de alguns momentos da própria história foram apontados como fatores desafiadores do processo. O acolhimento; respeito; identificação com o público, e a percepção de que as pessoas que leram não tinham uma visão estereotipada sobre o trabalho sexual foram fatores positivos do processo.

No que se refere à avaliação dos leitores, 16 leitores participaram da experiência e preencheram o formulário de avaliação do evento. Dos 16, 6 leitores

participaram de mais de uma sessão do evento. A faixa etária do público variou de 30 a 63 anos. Apenas 3 homens participaram como leitores, sendo que 13 foram mulheres leitoras. Foram diversas as ocupações das pessoas que participaram como leitoras, dentre elas, psicóloga, advogada, metroviária, médica, terapeuta e professor. O livro mais lido foi um dos livros cujo tema foi a violência doméstica. O tema mais sugerido para uma próxima edição foi a questão dos estereótipos construídos acerca das relações familiares (filhos de pais gays, pessoas adotadas, pessoas com doenças terminais etc²), seguidos por questões relacionadas à ideologia (anarquista, feminista, militante de movimento social etc); etnia (asiático, indígena, negro/preto etc), saúde (depressão, esquizofrenia, bulimia, anorexia, automutilação etc) e deficiência (cadeirante, autista, cego, surdo-mudo, etc). O tema menos relevante foi a ocupação (policial, jornalista, político, artista etc).

Quando solicitados a avaliar a experiência, apenas um leitor classificou-a com valor 4, numa escala de 0 (pior avaliação) a 5 (melhor avaliação); os demais foram unânimes em classificá-la como 5. A qualidade do evento foi classificada como muito boa por 20 dos leitores participantes. Foram feitos muitos elogios à proposta, tendo sido apontada a experiência, como uma experiência de empatia e uma oportunidade de refletir sobre os estereótipos, conforme se pretendia desde o início.

Vale trazer o depoimento de alguns leitores para ilustrar essa satisfação: “estou completamente impressionada com o evento. Como é potente criar um espaço de segurança e cuidado e falar a verdade sobre temas tão desafiadores e tabu. E foi leve e intenso, completamente surpreendente. Parabéns”.

Quando perguntados sobre qual experiência mais havia marcado o leitor na leitura daquele dia, um dos leitores mencionou a frase de uma canção: "A diferença é o que temos em comum" da música brasileira Alívio Imediato, da banda Engenheiros do Havá.

Outro leitor, sobre essa mesma pergunta, disse:

No momento que ele falou em como se sentiu em relação a representatividade sobre dar voz a grupos que em determinados momentos não estão sendo ouvidas. Mais que nem sempre a pessoa que tem a vontade de falar por essas pessoas conhece as dores ou representa todas essas pessoas tem muita diversidade. E no quanto seria importante criar espaços para as pessoas falarem

de suas histórias e serem ouvidas com dignidade e respeito.

Considerações finais

Ao escutar a história do outro, as pessoas ganham a oportunidade de ressignificar suas crenças e estereótipos. Nesse sentido, a equipe organizadora do evento, da Escola de Empatia, avalia a experiência como muito boa e acredita que a Biblioteca Humana é uma ideia poderosa, que se inicia com a seleção de pessoas, e que, com uma escuta apurada por parte da equipe organizadora e de si mesmas, vão transformando-se em livros e em novas pessoas. Também essa transformação alcança os leitores e os abraça em um movimento de conexão e sintonia, de humanidade compartilhada.

Oportunizar a voz, a muitas dores e memórias, também é dar sentido e significado a elas dentro de outras pessoas. Mas é preciso cuidar, também, para que os estigmas não circunstanciem uma vida que é para muito além dos estereótipos trazidos pela vivência da Biblioteca Humana. Experiência essa de cuidado, de acolhimento, de empatia e uma significativa oportunidade de refletir sobre os estereótipos postos a cada um, cotidianamente.

A indicação é que novas versões do evento sejam realizadas, preferencialmente, de forma presencial e em outros contextos. Após essa primeira experiência, a equipe da Escola de Empatia já foi provocada a pensar a Biblioteca Humana no contexto de um evento de conscientização sobre o HIV/AIDS, mas o evento acabou não acontecendo.

A Escola de Empatia segue firme em seu propósito de disseminar essa experiência da Biblioteca Humana e acredita que ela seja uma experiência de vínculo importante entre o livro humano e o leitor e entre o livro humano e sua própria humanidade.

Referências

Amossy, R. & Herschberg-Pierrot, A. (2021). *Estereotipos y clichés*. Tradução de Lelia Gándara. Buenos Aires: Eudeba.

Berrocal, P.F. (2012). Inteligencia Emocional: 22 años de avances empírico. *Behavioral Psychology / Psicología Conductual*. vol. 20, N° 1, pp. 5-13.

Brown, B. (2016). *A coragem de ser imperfeito*. Sextante.

Brunelli, A. F. (2020). Memes de pessoas idosas no contexto da pandemia de Covid-19: estereótipos e simulacros. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 18, n. 3, p. 73-89, set-nov. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/7946/5460>. Acesso em 01 de março de 2022.

Cabecinhas, R. (2004). Processos cognitivos, cultura e estereótipos sociais. *Actas do II Congresso Ibérico de Ciências da Comunicação*. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 21-24 de Abril. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/1650/1/rcabecinhas_II_Iberico_2004.pdf. Acesso em 01 de março de 2022.

Dunker, C. & Thebas, C. (2019). *O Palhaço e o Psicanalista*. São Paulo: Planeta do Brasil.

Florencio, R.A.T. (2011). O ano do Brasil na França: um estudo da construção linguístico-discursiva do estereótipo. *Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos*. Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/DAJR-8NAQU5/1/1301d.pdf>. Acesso em 01 de março de 2022.

Gatti, M. A. (2014). Estereótipo e Pré-construído: é possível uma articulação?. *Signótica, Goiânia*, v. 26, n. 2, p. 397-414. DOI: 10.5216/sig.v26i2.29824. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/29824>. Acesso em: 6 abr. 2023.

Iacoboni, M. (2009). *Las neuronas espejo: Empatía, neuropolítica, autismo, imitación, o de cómo entendemos a los otros*. Madri: Katz Editores.

Human Library Organization. (2022) *Human Library Organizer Application*. Disponível em: <https://humanlibrary.org/human-library-organizers/organizer/>. Acesso em 01 de março de 2022.

Goleman, D. (2011). *Inteligência Emocional*. Editora Objetiva.

Goulart, M.S.B., Fiuza, L.H.S., Francisco, C.R., Venturini, E., Nogueira, M.C, Pereira, C.C., Malacco, Y.LC., Camey, L.F., Delforte, I.P. Uematu, L.M.O.

& Marques, E.M.O. (2019). Livro Vivo”: rascunhando uma estratégia de inclusão. *Revista Interfaces*. Revista de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais. Volume 7 / n. 1. Janeiro-Junho de 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/issue/view/1051>. Acesso em 01 de março de 2022.

Giuliani, M. F. (2015). La inteligencia emocional: síntesis de dos estudios empíricos. *Revista Kairós Gerontologia*, 18 (No. Especial 20), "Aspectos positivos en la vejez. Cuestiones teóricas", pp. 55-70. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.

Mayer, J.D. (2016). The Ability Model of Emotional Intelligence: Principles and Updates. **Emotion Review**. Vol. 8, No. 4 (October), p.290–300.

Nota de rodapé:

1 Cumpre informar que todas essas categorias e seus exemplos são criações da Human Library Organization, não havendo nenhuma adição ou ajuste de informação por parte da equipe organizadora do evento.